



Objeto.

*De um novo
conheça os
a*

*A*té bem pouco tempo atrás, o maior objeto de desejo do macmaníaco brasileiro era uma passagem para os EUA. Só assim ele conseguiria encontrar aqueles equipamentos fantásticos e máquinas maravilhosas que via anunciados nas revistas importadas.

Hoje a coisa mudou. A chegada da Apple ao Brasil vem estimulando diversas empresas a trazerem produtos para o mercado Mac. Uma prova é esta matéria, com dezenas de produtos compatíveis com Mac, todos disponíveis no país.

Outro indicador dessa mudança são os catálogos MacZone e MacWarium, com uma expressiva quantidade de ofertas somente para os olhos dos usuários de Mac.

A Macmania fez uma pesquisa entre seus colaboradores para saber quais eram seus sonhos de consumo. O resultado está aqui: objetos do desejo com preços indo de R\$ 15 a R\$ 200 mil, uma prova de que dinheiro não é tudo (mas é 100%).

Convidamos outro objeto de desejo dos brasileiros, independente da plataforma: a modelo e atriz Núbia de Oliveira.

Em um ensaio fotográfico inédito em uma revista de informática, Núbia nos ajudou a testar a resistência de vários equipamentos apresentados nesta matéria e agora vai ajudar a testar o poder de concentração de nossos leitores.

s do Desejo

mousepad a uma gráfica particular, acessórios e equipamentos que fazem cabeça dos macmaníacos.

por Heinar Maracy

Objetos de Consumo

Equipamentos que qualquer usuário gostaria de ter

3M Precise Mousing Surface

Um mousepad mais esperto que os outros

Um mousepad é um mousepad. Um pedaço quadrado de espuma de polietileno com um desenho de gosto duvidoso ou o logo de uma empresa qualquer. Não há muito o que inventar, certo? Não é o que pensa a 3M. Mais conhecida por seus produtos na área gráfica e por suas fitas adesivas, a 3M resolveu diversificar e criar um mousepad mais inteligente que os outros. O 3M Precise Mousing Surface é um pouco mais grosso que uma folha de papel, tem um lado que adere imediatamente a qualquer superfície plana e o outro formado por uma microestrutura em forma de pirâmides. *Aí é que está o segredo do mousepad. Sua estrutura irregular permite que o mouse deslize suavemente, sem escorregar ou emperrar. Segundo o fabricante, além de melhorar a precisão do mouse, ele reduz o contato deste com a sujeira e gordura, diminuindo a necessidade de limpá-lo. Testamos o bicho e não temos o menor receio de carimbar o selo de qualidade da MACMANIA sobre ele.*

Jogue fora essa coisa suja e peluda que você chama de pad e faça um rato feliz. À venda em supermercados, papelarias e lojas de informática por R\$ 15.



Esperto mesmo foi o mouse: não teve dúvida, escolheu a Núbia.

Newton

Faça um nerd feliz

Os PDAs (Personal Digital Assistants) vieram para ficar. No próximo século, eles serão tão comuns quanto as atuais agendas eletrônicas de bolso e blocos de anotações. Essas são as previsões da maioria dos cabeções do Conselho Editorial da MACMANIA. Todos têm, já tiveram ou gostariam de ter um Newton. Mas, para que serve um Newton? Vamos ouvir a opinião de Marco Fadiga, responsável pela coluna desta revista sobre o PDA da Apple:

“Eu confesso: sou um tralheiro eletrônico juramentado! Basta sair um gadget novo que já fico me coçando de vontade de tê-lo em mãos, muitas vezes sem saber bem para quê. Entretanto, com o Newton foi diferente. Tenho um relativo pé-atrás com tecnologias totalmente novas que prometem mundos e fundos, em especial quando vêm dessa empresa que tanto odiamos amar, aquela cujo logo é uma maçã.



O Newton reconhece a Núbia e treme ao sentir essas mãos envolvendo seu corpo.

O PaperPort escaneia tudo... hã... bem, quase tudo.

Logo após o lançamento, tive a oportunidade de furungar um tanto com a máquina. Subjetivamente, a impressão foi a melhor possível: um aparelho simpático, de design arrojado, quase sexy e capaz de arrancar aaahhs! e oohhhs! de qualquer apreciador das mumunhas high tech. E olha que naquele tempo o MessagePad não vinha com a Núbia a tiracolo...

No test-drive, entretanto, ficou patente que o produto ainda não estava acabado. Travava por qualquer palavra falado – e às vezes até mesmo pelos apenas pensados – requerendo um reboot. E mais: o suporte a comunicações era pífio e a velocidade de operação não satisfazia. Fiquei com a minha Digital Diary.

Tempos após, mais precisamente em janeiro do ano passado, surgiu a versão 120, a primeira que dá para classificar como verdadeiro objeto de desejo. Com 2Mb de RAM, melhor suporte a comunicações e o sistema já na versão 1.3, ele se tornava útil. Comprei um, com alguns opcionais, como um PC Card extra de 2Mb (indispensável) e um belo estojo de couro que eventualmente faz dublê de fantasia de crente. Parece capinha de Novo Testamento, daquelas que andam por debaixo de braços mais cristãos do que os meus.

NewtonBooks

A principal utilização que dou a ele, nove fora agendas de telefones e compromissos, que poderia continuar gerenciando ad infinitum com minha agenda Casio, é pôr em dia minhas leituras atrasadas. Viciado em informação e consumidor de arquivos texto injetáveis via artéria subclávia, nada melhor que o conceito dos NewtonBooks. Eles são pequenos programas gerados no desktop contendo o texto que aprouver ao usuário. Assim, posso curtir as inúmeras listas e newsgroups que assino via Internet no sossego de um taxi, ônibus, avião ou esperando um cliente antes de uma reunião. Não que tenha conseguido finalmente ficar em dia com a leitura, se é que algum dia estarei, mas não posso culpá-lo por isso, que tem sido um companheiro insubstituível na tarefa.

De alguns gadgets, fala-se que só faltam cantar mulher. Esse, no entanto, deu uma grande dor-de-cabeça com o sexo oposto. Ouvi mais de uma vez esporros homéricos de uma ex, que não suportava que eu andasse com ele para cima e para baixo. De certa feita, em um restaurante chinês, aproveitei a deixa de sua ida ao banheiro para pôr em dia um banco de dados que faço sobre casas de pasto. Ao voltar, amarrou a maior tromba e reclamou que eu bem poderia estar fazendo um poema para ela na sua ausência. Nesse momento descobri que ela definitivamente não me conhecia..."

Marco Fadiga

Quem acha que vai poder utilizar o Newton da mesma forma que usa um bloco de anotações pode tirar o cavalo da chuva. Apesar do reconhecimento de escrita ter melhorado muito, sua velocidade de resposta não é suficiente para esse tipo de uso.

A chave está em encarar o Newton como ele é: um computador de bolso. Uma maneira de carregar com você dados importantes para seu tipo de negócio.

É através desse enfoque que o Newton vem crescendo como ferramenta para aplicações verticais em empresas. Já existe até uma empresa no Brasil, a Omnimídia (011-970-1415) especializada em desenvolver soluções para empresas baseadas no PDA da Apple. O Newton pode ser encomendado em qualquer revenda Apple, por R\$ 1.065.

PaperPort O fim da pilha de papéis

"O primeiro produto que me ocorre quando penso em um objeto de desejo para o macmaniaco que já tem tudo (falo, é claro, de acessórios pro seu Mac que não custem o preço de um carro usado) é o PaperPort, da Visioneer. Um scanner diferente que se tornou um autêntico campeão de vendas no ano passado, nos EUA.



Pra começar, o que é que o PaperPort tem de diferente? Não é um scanner como qualquer outro? Não, não é. E o que o PaperPort tem de mais diferente é a maneira como se trabalha com ele. Ele é basicamente um scanner para documentos (embora você possa escanear fotos também – em grayscale, a versão colorida ainda não foi desenvolvida), mas funciona da maneira mais simples que um scanner pode funcionar: basta ligá-lo a uma das saídas seriais do Mac e encostar a folha do documento que você quer escanear. Na mesma hora, o PaperPort “puxa” o papel e o apresenta na telinha do micro.

E daí? Não é a mesma coisa que um scanner de mesa faz? Também aqui a resposta é não: o documento escaneado aparece imediatamente na janela do programa que acompanha o PaperPort. A partir daí você pode pintar o sete com ele. Imprimir, faxear, transformar o texto em caracteres editáveis (OCR) ou fazer um link para o seu programa preferido – um Word da vida, por exemplo. Tudo isso se faz com apenas um ou dois cliques em botões facilmente identificados. Além disso, uma vez dentro do programa PaperPort, seu documento pode ser anotado de várias maneiras, como se faz com um documento comum. É possível destacar uma parte importante de determinado texto com um tipo de marcador digital (como aquelas canetinhas amarelas), marcar frases ou palavras com bordas vermelhas, ou até mesmo incluir no documento anotações em stickies próprios do programa.

No dia a dia, aprendi a usar o PaperPort principalmente para diminuir a quantidade de papelada solta que andava espalhada pela mesa e gavetas do escritório. Malas-direta que você quer ler com calma quando tiver tempo, anotações do tipo “guardanapo”, extratos de banco ou contas de telefone meio esquisitas, cartas diversas, tabelas de preço, você imagina o que quiser.

E parece que existe um mercadão para esse tipo de produto, pois vários fabricantes já lançaram scanners semelhantes. A HP licenciou o PaperPort e o vende com o nome de ScanJet 4s. A UMAX lançou o PageOffice e promete uma versão colorida para o segundo semestre.

Mas a Visionner não dormiu no ponto e lançou, faz alguns meses, o PaperPort VX, que é nativo para Power Macs e possui capacidade para 256 tons de cinza, entre outros melhoramentos.

Pra resumir, o PaperPort é um objeto de desejo, sim. Facilita a vida de qualquer pessoa que use o Mac na administração do dia a dia, é moleza de usar e não dá problema nem dor de cabeça. E o melhor de tudo é que esse é um sonho que a gente pode ter de olhos abertos: nos States, ele custa um pouco menos de trezentos dólares. Aqui, cerca de R\$ 480, em catálogos do tipo MacWarium ou MacZone (na verdade, o PaperPort está entre as melhores ofertas que esses novos catálogos nacionais têm pra oferecer.). É usar e comprovar!”

Ricardo Serpa

Câmeras Digitais **Veja mamãe! Sem filme!**

Uma câmera digital é um brinquedo caro, mas muito divertido. Seu uso profissional depende da relação que você faz entre a definição da imagem e a necessidade de um meio rápido e prático de tirar fotos.

É possível usar uma câmera digital em editoração eletrônica? Na opinião da MACMANIA, sim. Tanto que volta e meia publicamos umas fotos tiradas com a QuickTake. A qualidade da imagem não se compara a uma foto convencional escaneada, mas muitas vezes a velocidade com que uma foto pode ser tirada e posicionada em um programa de paginação compensa a pouca definição.

Para quem trabalha com publicações na Web ou multimídia, as câmeras digitais também quebram um galhão. Arquitetos e vendedores de imóveis podem tirar fotografias de terrenos e construções que depois podem ser utilizadas em estudos de projetos.

Mas a farrá mesmo é brincar de lambe-lambe digital. Uma câmera, um

Núbia testa a Kodak enquanto a QuickTake espera tranquilamente a sua vez.

Mac e uma impressora colorida fazem a alegria de qualquer festa. Basta fazer a foto e imprimir quantas cópias quiser.

Testamos para esta matéria duas câmeras digitais: a QuickTake 150 (R\$ 1.094), da Apple, e a DC 40 (R\$ 1.500), da Kodak. Outras empresas, como Casio, Polaroid e Epson, também estão lançando modelos próprios de câmeras. A QuickTake permite tirar 16 fotos de 640 x 480 pixels, vem com uma lente extra para fotos em close-up e o software PhotoFlash 2.0. A câmera da Kodak tem uma resolução maior (756 x 504 pixels) e permite armazenar até 48 imagens.

A DC 40 é mais cara que a QuickTake, mas, em compensação, tem características um pouco mais profissionais. A principal é uma série de lentes intercambiáveis que permitem fazer fotos em ângulos mais abertos, com zoom ou close. A Kodak deve trazer em breve ao Brasil a DC 50, cuja principal inovação é o uso de cartões PCMCIA para armazenar fotos. Ela tem também zoom embutido e controles para abertura e velocidade.

A QuickTake, por sua vez, é mais integrada ao Mac, podendo inclusive ser “montada” no Desktop, com a instalação de um pequeno Control Panel.

PowerCard 601

Transforme seu velho Mac em um Power

Qual o maior objeto de desejo de um usuário de um Mac com chip 680x0? Um Power Mac, é claro! A cada dia que passa, mais e mais softwares aparecem em versões compatíveis apenas com o chip PowerPC.

A primeira alternativa é passar para a frente a bagaça e comprar um Power novinho em folha. Mas, por mais estranho que pareça, usuários de Mac costumam ficar emocionalmente ligados às suas máquinas, por mais lentas que elas sejam. Resta a opção do upgrade.

Historicamente, o Mac nunca foi muito bom de upgrade. A relação custo benefício da troca de motherboards nunca compensou. A coisa só mudou com a chegada das placas da DayStar, que podem ser instaladas no slot PDS de Macs IICI, LC e Performas 475 e 630, transformando-os em Power Macs.

A PowerCard 601 (R\$ 899, sem impostos) dobra a velocidade do clock do Mac e substitui o chip 680x0 por um PowerPC 601. Portanto, se você possui um Performa 630 (que tem um clock de 33 MHz) ele vai trabalhar a uma velocidade semelhante à de um Power Mac 6100/66.

A instalação da PowerCard não é a coisa mais intuitiva deste mundo. Exige a retirada do chip com uma ferramenta especial, em um processo bastante delicado. O ideal é que a instalação seja feita por uma assistência técnica.

Um ponto desfavorável que deve ser levado em conta é o fato de que algumas funções do próximo sistema operacional, o Mac OS 8 (ex-Copland), não funcionarão em Macs com placas de upgrade, só em Power Macs legítimos.

Mesmo assim, se você precisa desesperadamente de um Power Mac e está com a grana curta, essa pode ser uma boa solução. Na próxima edição da MACMANIA, faremos um teste mais detalhado da placa PowerCard 601.

QuickCam

Uma câmera de vídeo ao alcance de todos

A QuickCam é aquele tipo de acessório que, de tão bom, deveria vir junto com o Mac. É a câmera de vídeo mais barata do mundo. O modelo preto-e-branco pode ser comprado por R\$ 150 no Brasil.

A câmera-bolinha foi um sucesso estrondoso no mundo inteiro. Os filmes que ela faz são preto-e-branco, o som nunca sincroniza com a imagem e o resultado parece um filme de Carlitos, mas e daí? Ao invés de tirar fotos dos amigos, você pode filmá-los de queixo caído ao ver sua imagem rodando na tela do Mac.

A grande novidade é que a Connectix já lançou um modelo colorido, que deverá estar chegando em junho ao Brasil, por um preço ao redor de R\$ 300.

A Color QuickCam tem o mesmo formato esférico do modelo anterior e é conec-



tada ao Mac pelas portas serial e ADB. A conexão ADB é por onde a câmera tira a energia para seu funcionamento. Mas não se preocupe, ela traz um plug extra para ligar o mouse e o teclado em seqüência.

A nova câmera pode capturar imagens de até 640 x 480 pixels em milhares de cores e tem um frame rate maior que a anterior, chegando a 24 frames por segundo no tradicional formato caixinha de fósforo.

Isso é possível graças a uma nova tecnologia de compressão de vídeo desenvolvida pela Connectix. O microfone embutido também foi abandonado porque comprometia a qualidade do vídeo colorido.

Acompanham a câmera novas versões dos programas QuickPICT, para fazer álbuns de fotografias digitais e QuickMovie, que permite alterar a qualidade do vídeo gravado, flüpar e espelhar o filme enquanto está sendo gravado. Como ocorreu com a câmera P&B, os usuários de Mac foram os primeiros a poder usufruir da Color QuickCam (yesss!). A versão Windows ainda está em desenvolvimento.

ONDE ENCONTRAR

3M (MousePad): (019) 864-7022

Apple (Newton, QuickTake): (0800) 12-9080

MacWarium (PaperPort, PowerCard 601): (0800) 31-3133

Hewlett-Packard (Scanjet 4s): (011) 726-8066

Kodak (DC 40): (011) 864-8144

Dellacenter (QuickCam): (0142) 23-0909



Enrolada em
seus braços,
a QuickCam
é a cobra
focalizando
Eva.

Desejo de Espaço

O sonho do armazenamento perfeito

Memória nunca é demais. Dez entre dez macmaniacos ouvidos pela nossa pesquisa tinham fatalmente como um de seus objetos de desejo ou mais memória RAM ou mais espaço em disco ou os dois.

A boa notícia é que o preço da memória RAM baixou recentemente. Enquanto no ano passado o preço do megabyte circulava em torno de US\$ 50, hoje ele está ao redor dos R\$ 30 e em queda livre. É claro que ninguém sonha com SMD de RAM, mas com aquelas DIMMS de 128 Mb (um pente desses não sai por menos que uns três paus) mais difíceis de achar que pelo em ovo.

Outra boa notícia é que a Kingston, um dos mais renomados fabricantes de RAM do mundo, já está no Brasil. Tudo bem que hoje qualquer memória de PC cabe num Mac, mas convém não facilitar. Às vezes vale a pena comprar um material mais confiável para não ter dor de cabeça depois.

Aparelhos para armazenamento de dados também estão com a bola toda. É impressionante como surgiram novidades nessa área de uns tempos para cá. Fizemos aqui uma análise aprofundada dos equipamentos mais acessíveis no momento: o ZIP, da Iomega, e o EZ Drive, da SyQuest. Mas não esquecemos as novidades high-end, como o Jaz, o DataDock e gravadores de CD.

EZ135 x ZIP Drive

A briga dos baixinhos

Sou o orgulhoso proprietário daquele que deve ser o primeiro Macintosh de Guarulhos equipado ao mesmo tempo com um EZ Drive da SyQuest e um Zip Drive da Iomega. O primeiro foi comprado por mim em outubro do ano passado e o segundo cedido para teste em abril. Assim, fiquei em posição privilegiada para responder à pergunta que não quer calar: qual deles é o melhor?

Sinto frustrar o leitor. Minha resposta, como a de tantos outros, é: depende. De cara, é possível notar certas características nos contendores:

- O Zip serve para qualquer usuário de computador e é fortíssimo candidato a substituto do disquete. É a opção de quem quer facilidade de uso e portabilidade.

- O EZ, como todo SyQuest que se preza, torna-se uma extensão simbiótica do seu disco rígido interno, o que é uma aplicação algo distinta do seu concorrente. É o preferido de quem está mais preocupado com o desempenho, com a configuração do hardware e com o custo.

Embora o preço de ambos os sistemas seja mais ou menos o mesmo, a relação custo por megabyte do EZ é vantajosa.

Quanto à disponibilidade, o sucesso inicial do Zip no ano passado foi tão espetacular que a Iomega simplesmente não atendeu à demanda – tanto que uma das minhas razões para comprar o SyQuest foi a impossibilidade de achar o Zip na época.

Quanto às diferenças de velocidade e tamanho, o veredito é como segue:

- A tão falada diferença de capacidade dos dois

formatos – 100Mb para o Zip versus 135Mb para o EZ – não representa tanto assim na vida real. A tendência do usuário não é encher os discos até a boca e sim classificá-los por assunto (Sistema, Programas 1, Programas 2, Movies 1, etc.). Quando tiver acumulado um gigabyte e meio em cartuchos removíveis, aí sim, vai começar a desejar que eles fossem um pouco maiores. Com isso, vamos parar no território de outra categoria, a dos drives removíveis de 1 gigabyte, inaugurada pelo Jaz, da Iomega. Mas é claro que alguém compra um drive de “apenas” 100 megas pensando no preço e não na capacidade, certo?

- O EZ é tão rápido que você pode rodar os seus programas direto a partir dele sem sentir diferença em relação ao HD do seu Mac. Sua velocidade é o dobro da do Zip, mas isso não quer dizer que este seja uma lesma. O Zip é muito mais rápido do que um drive de CD-ROM, por exemplo.

Em tempo: apesar de ser mais lento, o Zip monta no Desktop mais depressa que o EZ. Sobre a confiabilidade, nada a declarar. Nenhum cartucho apresentou defeito espontaneamente; um EZ que caiu de um metro de altura teve alguma dificuldade para ser aceito pelo drive logo após a queda, mas eventualmente ressuscitou e não causou problemas.

O que dizer da portabilidade? Carreguei os dois sistemas na mochila durante meses e concluí o seguinte: sim, o Zip é bem mais leve que o EZ, só que ambos são acompanhados de incômodas e pesadas fontes de alimentação. Não são tão portáteis como a propaganda insinua – mesmo porque as fotos dos anúncios nunca mostram essas detestáveis caixinhas pretas. O conector de força do EZ é tipo DIN e o do Zip é tipo “Walkman”, ligeiramente mais confiável. O detalhe bizarro é que o Zip não tem chave de força. A robustez do feio EZ em contraste com o delicado Zip conta muito ao jogá-los no meio da bagagem.

No aspecto estético, comparar o EZ Drive ao Zip Drive é como comparar um Fusca a um BMW. A elegante caixa do Zip é de plástico azulado, modelada em torno do disco e com uma janela transparente. A caixa do SyQuest é um chassi metálico envolvido por uma cobertura de plástico cinza, de aspecto industrial e gosto discutível. Por toda parte se nota que, enquanto cada detalhe do Zip foi projetado para agradar ao público leigo/doméstico, o drive da SyQuest é previsível e excessivamente “técnico”. Quanto ao tira-e-põe dos cartuchos, o EZ Drive é simplesmente um saco para remover os discos. É necessário virar uma preçária alavanquinha e puxar o cartucho com as pontinhas dos dedos. Já o Zip Drive ejeta vigorosamente os discos, exatamente como o drive de disquete do Mac.

Sobre a conexão:

- O EZ é conectado ao Mac por um desajeitado cabo SCSI com conectores de 50 pinos. Na traseira do drive existe uma chavinha para escolher à vontade o número que ele ocupa na cadeia de dispositivos. Se for o último (ou único) dispositivo, é necessário plugar no conector que ficou aberto um terminador passivo – isso mesmo, aquela pecinha que você esqueceu de pedir para o fornecedor na hora de retirar a encomenda.

Todos torcem para que a balança pese para um dos dois lados.



ZIP OU EZ – QUEM É MAIS RÁPIDO?

HD Quantum 230 Mb	1,0
Zip 100	0,6
EZ 135	1,3

Testes de benchmark feitos com o Speedometer 4.0 e cache de disco de 128k. HD Quantum utilizado como base 1.

• O Zip é conectado por meio de um cabo especial com plugs de 25 pinos em ambas as extremidades – menor e mais leve, porém mais difícil de compatibilizar com os outros dispositivos. A terminação é embutida e a escolha do número na cadeia SCSI é limitada a 5 ou 6 – o que pode ser desvantajoso se o Macintosh já estiver ligado a uma porção de dispositivos.

Usei os dois e gostei dos dois. Para quem não tem nenhum drive externo, está com a grana curta e precisa escolher, recomendo o Zip primeiro, pela facilidade de uso, qualidade do design, suporte no enorme mercado PC doméstico e pela sua chance real de que “pegue” como o substituto do disquete. Embora a SyQuest não queira perceber, o EZ é um produto de perfil diferente e não compete exatamente no mesmo mercado; a despeito da sua superioridade combinada nos aspectos técnicos – capacidade, desempenho e custo – ele parece excessivamente preso ao nicho de profissionais gráficos ao qual a empresa está acostumada. Para ter apelo popular, mereceria uma remodelagem no mecanismo (maldita alavanquinha!) e na parte estética. (Tanto é assim que o anunciado SyJet promete ser uma cópia fiel do concorrente Jaz.)

Se o leitor é um profissional que se preocupa muito com a possibilidade do formato escolhido não “pegar”, obrigando-o a ir ao bureau carregando o drive embaixo do braço, sugiro que use um SyQuest antigo de 88Mb – ou outro padrão facilmente encontrável – só para transportar os arquivos, e fique com o Zip ou EZ para backups. O tamanho menor, velocidade e baixo custo justificam.

Mario AV

Jaz

O novo ritmo do becape

Depois do sucesso retumbante do Zip Drive, a Iomega promete repetir a dose com o Jaz, um disco rígido removível de 1Gb. Na verdade, cada cartucho do Jaz traz dois discos rígidos de 500 Mb, uma tecnologia inédita, mas que, por incrível que pareça, funciona.

Ou seja, o cartucho do Jaz é igual ou melhor que o seu Hard Disk, além de ser muito mais prático. Ele tem uma taxa de transferência de 6,73 Mb por segundo e um tempo de acesso de 10ms.

O Jaz era tudo que o pessoal que trabalha com vídeo e multimídia pedia a Deus. Um meio barato, rápido e seguro de transportar grandes arquivos de um lado para o outro.

O preço do produto no Brasil deve variar bastante, principalmente porque a Iomega está licenciado suas tecnologias para outras empresas venderem aparelhos Zip e Jaz com suas próprias marcas. Em breve você vai começar a ver em feiras de informática Zip drives com a marca Epson. É possível também que até o final do ano a Apple lance um modelo de Mac com Zip embutido. A Controle, representan-

te da Iomega no Brasil, já está vendendo a versão interna do Jaz, ao preço de R\$ 1.249. A versão externa deverá estar disponível no país a partir do segundo semestre, por R\$ 1.499. O cartucho está custando R\$ 299. Já a União Digital, possui uma versão externa do Jaz no Brasil, vendido sob a marca Micronet, ao preço de R\$ 1.100.

A SyQuest já prometeu entrar na briga, com um produto chamado SyJet, com previsão de lançamento para o segundo semestre. A SyQuest, aliás, é quem tem mais sofrido com a mudança de padrão de armazenamento dos últimos tempos. Com o lançamento do EZ Drive, as vendas dos modelos mais caros de SyQuest caiu vertiginosamente, gerando um prejuízo de quase US\$ 80 milhões para a empresa no último semestre. Vamos ver se ela consegue recuperar o terreno perdido com o lançamento do SyJet.

Gravadores de CD-ROM

Porque os cartuchos não são eternos

Um gravador de CD, até bem pouco tempo atrás, era o objeto de desejo apenas de produtores de multimídia. Afinal, apesar da mídia ser uma das mais baratas (Um pacote com 10 compact disks virgens custa cerca de R\$ 99) o preço dos gravadores era alto.

Acontece que nada evoluiu mais rápido nos últimos tempos que a velocidade dos CD-ROMs. Enquanto há pouco mais de um ano o padrão eram os CD-ROMs de dupla velocidade, hoje já estão aparecendo os primeiros de sêxtupla velocidade e tem gente já falando em óctupla.

Por isso, os pobres mortais podem hoje comprar um gravadorzinho de CD de dupla velocidade, com taxa de transferência de 150ms, como o Micronet MCD-Plus (R\$ 2.052), o Pinnacle RCD 5040 (R\$ 2.523) ou o Optima Diskovery (R\$ 2.500). Este, por sinal, é o primeiro gravador de CD-ROM a permitir gravação por drag & drop.

Com um aparelhinho destes é possível, a um custo baixo, fazer becape de seus arquivos ou queimar seu próprio CD de áudio ou multimídia em casa.

E para aqueles que consideram seus dados a coisa mais valiosa que existe, nada como poder gravá-los em uma mídia duradoura, como o CD-ROM.

DataDock

Levando o HD para passear

Se você trabalha com grandes arquivos (grande, nesse caso, é de 1Gbyte pra cima) que precisam ser frequentemente transportados de um lado para o outro, esta é a solução.

O DataDock, fabricado pela Micronet, acaba com a necessidade de se meter atrás do Mac para despuglar cabos SCSI e fontes de força. Basta jogar o ícone do disco no lixo, puxar o HD do DataDock e sair correndo com ele.

O DataDock pode ser comprado com um ou dois discos de 2 Gb. Para quem precisa lidar com vários tipos de mídia, ele também é uma boa pedida. Você pode inter-cambiar facilmente os





Queime seus próprios CDs com essas belezinhas

HDs por discos ópticos, cartuchos SyQuest ou fitas DAT.

O DataDock é indicado principalmente para projetos que envolvem grande demanda e fluxo de informações digitais de áudio, vídeo e aplicações gráficas. O equipamento opera por intermédio de Fast SCSI-2 ou Wide SCSI-2, chegando a taxas de transferências de até 29Mb por segundo. Custa R\$5.025 (com dois módulos de 2Gb cada), sem ICMS. O gabinete para apenas um periférico, o DataDock Express, custa R\$ 2.344.

Tower 7

Becape na torre

Se você acha que um CD-ROM é pouco, que tal sete? A Tower7-Mac, da Luxdata, é uma torre acionadora de CD-ROM que permite ligar até 7 CD-ROMs de velocidade quádrupla ou sêxtupla em um mesmo Mac. Desenhada para abri-

gar até 4,5 Gigabytes de informação, a torre pode ser acoplada a servidores de rede e ocupar apenas um ID na cadeia SCSI. O Tower7 é indicado para empresas que precisem compartilhar grandes volumes de dados em rede ou para desenvolvedores de software testarem seus produtos.

O controle do equipamento pelo servidor é feito através do software SCSI Director Pro, que permite acesso simultâneo aos discos. O equipamento suporta vários formatos de CD-ROMs, como o Photo-CD da Kodak, HFS, ISO 9660, além de ter software nativo para Power Mac. O modelo de sêxtupla velocidade custa R\$ 7.080 sem ICMS.



O Tower 7 é para os que não se contentam com pouco.

ONDE ENCONTRAR

União Digital (DataDock, Micronet, Jaz): (011) 5514-3355

Luxdata (Tower7): (011) 535-4293

Hurpia (Pinnacle): (011) 570-9594

Controle (Zip, Jaz): (011) 883-3355

EMJ (Syquest, EZ-Drive): (011) 725-6888

MGO (Optima Diskoverly, Syquest): (011) 725-3381

Polaroid (SyQuest, EZ Drive): (011) 284-2177

Desejos Gráficos

Porque sonhar é o trabalho do artista

E os artistas gráficos sonham mais que qualquer um. Sonham com tablets, scanners, impressoras. E uma máquina que rode filtros do Photoshop instantaneamente.

Tablet ArtZ II

A volta da caneta

Esqueça os mouses, trackballs, trackpads e outras bugigangas. Para desenhar, o ó do borogodó é um tablet com caneta sensível à pressão. Custando R\$ 599, a ArtZ II é tudo que um ilustrador precisa para se sentir desenhando à mão livre dentro do Mac. Ela tem até o requinte de trazer uma "borracha virtual", uma ponta sensível à pressão na parte posterior da caneta que apaga seu desenho. Outros modelos que também podem ser encontrados são os tablets da Calcomp, distribuída no Brasil pela Smar.

Na opinião do ilustrador Osvaldo Pavanelli, "o tablet é indispensável para se conseguir reproduzir no computador a espontaneidade e expressão gestual do traço à mão livre. Tudo nele é ajustável. O único problema é que ele exige muito mais coordenação fina do que o mouse. É preciso ter paciência e se reeducar até conseguir atingir o resultado desejado".

Os deuses juntaram
uma alma angelical
a um corpo
diabolicamente
perfeito.
O tablet
assina
embaixo.



Epson Stylus ProXL

Botando seu sonho no papel

A impressora dos sonhos de qualquer artista gráfico é aquela que imprime 20 páginas coloridas com qualidade fotográfica em papel comum, tamanho A1 e se transforma em uma top-model depois das duas da manhã.

Como ainda não inventaram esse modelo, o jeito é se virar com o que existe no mercado. Para o pessoal de artes gráficas, a necessidade principal é o tamanho. Uma impressora A4 não faz verão, por maior que seja a qualidade de impressão. Como uma impressão colorida dificilmente pode ser utilizada como prova de cor, o importante é que o layout esteja do tamanho certo e não com as bordas cortadas, como é comum nas impressoras A4. Entre as impressoras A3 disponíveis no mercado, uma que apresenta uma boa relação custo/benefício é a Stylus Pro XL, da Epson. É uma jato-de-tinta com uma definição de 720 dpi, com uma qualidade de impressão capaz de passar por dye-sublimation para os menos avisados. O único problema é a velocidade de impressão, que já é lenta na Stylus A3 e chega a níveis zen-budistas na Pro XL. O preço ao consumidor é R\$ 3.499.



A Stylus tem charme e preço.

Tektronix Phaser 550

Uma impressora na Net

Uma impressora laser colorida é o objeto de desejo de qualquer pessoa que trabalhe com cor. Imprime em qualquer papel, com rapidez e uma qualidade que impressiona qualquer cliente.

Até bem pouco tempo atrás, se fosse preciso escolher uma impressora laser colorida, sem dúvida a indicada seria a Apple Color LaserWriter (R\$ 10.999). Com uma fidelidade de cor excepcional e muito fácil de usar, ela foi um sucesso de vendas desde seu lançamento, em meados de 95.

Mas o mundo e a tecnologia não param. Hoje, a melhor pedida é a Phaser 550, da Tektronix. Com uma resolução maior que a da Apple, ela tem algumas vantagens: é menor, mais rápida e mais fácil de manusear.

No mundo das impressoras, novos modelos significam geralmente apenas mais qualidade de impressão e rapidez, raramente mostrando alguma novidade tecnológica realmente impactante. Não é o caso da Phaser 550. Seu software de configuração e impressão, o PhaserLink, tem uma interface escrita totalmente em HTML, o que a torna a primeira impressora capaz de ser acessada via Internet.

De qualquer lugar do mundo, basta digitar o endereço IP e a senha de uma determinada Phaser 550 para acessar, através de um browser, seu menu de impressão e enviar as páginas a serem impressas.

A Phaser 550 é uma laser colorida, com capacidade para cinco páginas coloridas ou catorze páginas monocromáticas por minuto, tecnologia laser de impressão de até 1200x1200 dpi e é compatível com PostScript Nível II.

A nova impressora da Tektronix é destinada a empresas que demandem um alto volume de impressões coloridas e preto-e-branco. Seu preço no Brasil é de R\$ 14 mil.

Convencido,
o Topaz diz que
faz de tudo.



Plotters

Impressões quilométricas

Até bem pouco tempo atrás, plotters eram sinônimo de plantas e trabalhos de arquitetura. Só que a adoção da tecnologia de jato-de-tinta melhorou tanto a qualidade e rapidez dessas impressoras gigantes que hoje qualquer artista gráfico fica tentado a ter uma para se tornar o Diogo Rivera da era digital.

Destacamos três modelos: a DesignJet 750C (R\$ 11.500), da Hewlett-Packard, a TechJet 175i (R\$ 14.000), da Calcomp e a Océ 5100C (R\$11.500).

A DesignJet 750C possui kits opcionais para conexão com Mac e de upgrade para PostScript nível 2. Imprime em 600 dpi em preto e 300 dpi em cores sobre vários tipos de papel. Tem modelos para formatos A0 e A1.

A Océ 5100C utiliza a tecnologia Bubble Inkjet, com resolução de 360 dpi para imagens coloridas e 720 dpi para impressões monocromáticas, em tamanhos A1 e A0.

A TechJet 175i tem resolução de 720 dpi (preto e branco) e 360 dpi (cor) e imprime em tamanho A0. Sua grande novidade é o dock para os cartuchos de tinta, que ficam do lado de fora da impressora. Dessa forma, os cartuchos podem ser trocados enquanto a plotter imprime.

Scanner Topaz Trabalha sozinho

Quem não pode ser o maior, tem que ser o mais fácil. O Topaz Robô não é o scanner mais poderoso do mundo.

A própria Linotype-Hell tem um modelo superior, o ChromaGraph S2000. Mas o Topaz ganha muitos pontos graças a sua capacidade de automação. Nada como um scanner que trabalha sozinho, escaneia 150 originais em uma noite, faz correção automática de cores, com uma produtividade de 20 slides de 35mm por hora e resolução de até 9.000 dpi. O Topaz aceita qualquer tipo de original, opacos ou transparentes, coloridos ou P&B, positivo ou negativo. Pode até escanear objetos tridimensionais de até 2cm de altura. Custa a bagatela de US\$ 49.000/FOB EUA.



A plotter da HP
perde o fôlego
diante dessa
impressão
deliciosa da
Natureza.



DocuColor 40

Tenha sua própria gráfica particular

A impressão digital não é mais o futuro das gráficas. É o presente. A DocuColor 40, da Xerox, é a última novidade no mundo das gráficas rápidas. Sem fotolitos, sem chapa, ela imprime 40 páginas A4 coloridas por minuto ou 30 frente e verso por minuto.

Ao preço de US\$ 205 mil (incluindo um sistema front end digital da Scitex, o SX 1000 Pro/D), a DocuColor é uma barganha. Basta ver o preço da concorrente mais próxima, a E-Print, da Indigo, ao redor dos US\$ 500 mil.

A Xerox indica a DocuColor para empresas que necessitem de uma máquina para imprimir folhetos, brochuras, catálogos ou manuais coloridos em uma escala de 20 mil cópias mensais.



Você pode não acreditar, mas tem muita gente que acha a DocuColor 40 um tesão.



Formas perfeitas numa pele morena exigem cores calibradas.
Espera aí! Acho que falta um monitor.

Grandes Monitores

Transforme seu Mac em um cinema

Um monitor de grandes dimensões não é objeto de desejo apenas de artistas gráficos. Produtores de multimídia, editores de vídeo, pilotos de FA/IS, quem não gostaria de ter um aquário desses? Damos, aqui, três opções de modelos, com preços e características diferentes, mas todos de excelente qualidade.

O Goldstar 2010 (R\$ 2.730) alcança resolução de até 1.152 x 870 pixels, com tela anti-reflexiva e dot pitch de 28. Se você já possui um monitor Apple de 17 polegadas, não irá estranhar nem um pouco o monitor da Goldstar que fabrica o monitor da Apple em regime de OEM.

O Philips 21" Autoscan Cyberscreen (R\$ 5.420) permite resoluções até 1600 x 1200 pixels, tem tela plana com tratamento antiestática e anti-reflexo e dot pitch de 0,28mm. Ele é facilmente configurável, com controles geométricos digitais, 12 settings de fábrica e nove ajustáveis pelo usuário. Para ajudar, um display de LCD mostra indicações de ajuste e avisa se alguma coisa está errada. Os ajustes separados das cores RGB permite uma fácil adequação do monitor a provas coloridas e o tratamento da tela diminui sensivelmente os reflexos, tornando a operação por tempo prolongado menos cansativo.

O modelo Sony GDM20se (R\$ 3.500) tem resolução de até 1280 x 1024 pixels, tubo Trinitron e controles de temperatura de cor, matiz e saturação. A combinação da tecnologia de tela plana Trinitron com o Aperture Grill reduz distorções de imagens e reflexos, além de produzir imagens incrivelmente brilhantes e nítidas.

ONDE ENCONTRAR

- Epson (Stylus Pro XL):** (011) 536-0300
- Offshore (Goldstar):** (011) 822-2336
- Gutenberg (Topaz):** (011) 250-4400
- Marathon (Wacom):** (011) 853-3266
- MGO (plotters OCE, HP):** (011) 725-3381
- Philips:** 0800 123-123
- Smar & Calcomp (plotters e tablets):** (016) 642-3599
- Sony:** (011) 824-6500
- Tektronix:** (011) 3741-8568
- Xerox:** (021) 271-1275

Videobjetos

Desejos a 30 quadros por segundo na tela de um Mac

“Em matéria de sonhos para Desktop Video, a plataforma Mac é o próprio Sandman. Através dela surgem objetos do desejo para todos os níveis de fantasia. Vale sonhar com desde uma simples placa de vídeo até um puta sistema completo de edição e efeitos, tudo com qualidade broadcast. E já que são sonhos, só resta torcer para, pelo menos algum deles, virar realidade.

MiroMotion DC20 **Qualidade e bom preço**

O primeiro sonho é para os que sonham baixo, numa perspectiva de realização mais segura. Ou seja, uma simples placa PCI para captura e compressão de vídeo. Tudo bem baratinho. Nesse caso, seu objeto do desejo será a alemã MiroMotion DC20, que eu vi funcionando na NAB96 (veja matéria nesta edição). Distribuída no Brasil pela CAD Technology, ao preço de R\$ 1.995 (todos os impostos inclusos), a Miro DC20 oferece input/output de vídeo composto e componente (Y/C), imagens 640x480, 60 campos por segundo, com compressão M-JPEG de até 5:1 / 3.5 Mb/segundo, tudo em tempo real. Após o comando “make movie” do Adobe Premiere, a placa rendera apenas as imagens com filtros e efeitos. Acompanham-na as versões limitadas dos softwares Adobe Premiere e Adobe Photoshop.

MCXpress **Um Avid a preço de ocasião**

O segundo objeto de desejo do desktop video é um sistema da, adivinhem... da Avid, claro. É o MCXpress, um novo sistema totalmente aberto para edição não-linear. Ele vem num bundle de software e placa (menos de US\$15.000/FOB EUA) ou na configuração completa com CPU e acessórios (em torno de US\$29.000/FOB

EUA). O software é praticamente o mesmo dos famosos e caros Media Composer.

O MCXpress, além da alta qualidade da imagem (tem até AVR75 – compressão 3:1: como opcional), traz recursos suficientes tanto para preparar um projeto para um Avid Media Composer sofisticado como para um projeto final, seja para vídeo ou multimídia. Entre seu recursos estão o Codec QuickTime, batch digitizing, duas ou quatro trilhas de vídeo e oito de áudio, EDL, tratamento de áudio em real-time (EQ/rubberband), imagens 720 pixels (CCIR-601), formato de arquivo OMF, transições e efeitos especiais.

StrataSphere **Do cubo à esfera**

E agora, para os alucinados, ramos de StrataSphere, o mais poderoso sistema entre os lançados pela ImMIX na última NAB. Ele possui o equivalente a 4 canais de vídeo (cada um dos dois canais tem um canal alfa próprio) em compressão 3:1 e consegue compor até 50 camadas de imagem sem perda de integridade do sinal, apenas adicionando novas trilhas de vídeo.

O StrataSphere (US\$69.500 completo/versão básica) foi idealizado para ser uma poderosa workstation de finalização de vídeo e, por isso, conta com a possibilidade de ser integrado à tecnologia da Abekas através da opção DreousFX, adicionando os recursos UltraWarpe SurfaceFX, com efeitos 3D, texturas e duas fontes de luz independentes.”

João Velho



Infelizmente, o StrataSphere não vem com essa estante.

Desejos Internéticos *Como acordar do pesadelo das conexões no Brasil*

Cybermaníacos e fanáticos pela Internet brasileiros têm desejos que Papai Noel nenhum poderia trazer. Uma linha T3, conexões ISDN, maior largura de banda, a privatização da Embratel... os desejos da tribo online se resumem em um pedido: uma conexão melhor. Não adianta ter o modem mais poderoso do universo se o gargalo do acesso continua enroscado.

Para eles, escolhemos a dedo um equipamento de outro mundo: o Planet 1, o primeiro sistema de comunicação pessoal via satélite. Um pouco maior que um PowerBook, pesando menos de três quilos, o Planet 1 é exatamente isso: seu satélite particular. A própria tampa do Planet 1 é uma antena, ligada aos satélites Inmarsat. O produto custa US\$ 3.000 nos EUA e deverá estar sendo vendido no Brasil no segundo semestre.

Com o Planet 1 será possível fazer ligações para qualquer lugar do mundo pagando US\$ 3 por minuto. Ele é indicado para quem precisa fazer ligações em locais isolados, como jornalistas de guerra ou geólogos. A taxa de transferência de dados é baixa: 4.800bps. Mas para quem está no meio da selva amazônica ou na Bósnia, é mais que o suficiente. **M**

HEINAR MARACY

Editor de texto da MACMANIA. Seu objeto de desejo é uma casinha no campo, com um quintalzinho, um pomarzinho, um powermaquezinho, uma parabólica-zinha, uma piscininha, um jatinho, um iatinho...

Fotos: VLADIMIR FERNANDES

Make-up: ROBERTA - FIRST



O satélite no céu
e o Planet 1 na terra.
Precisa mais?

ONDE ENCONTRAR

CAD Technology (MiroMotion DC20): (011) 829-8257

Phase (StrataSphere): (021) 580-5688

Crosspoint: (011) 828-9647

Comsat: (011) 5505-2705
